

## MARCO TULLIO CÍCERO E AS DOCTRINAS HELENÍSTICAS NO DE NATURA DEORUM

### MARCUS TULLIUS CICERO AND THE HELLENISTIC DOCTRINES IN NATURA DEORUM

Sara Gonçalves Rabelo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem o intuito de mostrar uma parte da dissertação de mestrado na qual são estudadas as doutrinas epicurista, estoica e o que se refere à nova academia, contudo não serão expostos todos os pontos sobre as doutrinas neste artigo. Essa pesquisa, como um todo, foi feita com o intuito de compreender a construção dos deuses na obra *De Natura Deorum* de Marco Tulio Cícero. Na obra, Cícero usa um hábil estilo dialético de confronto de ideias com o intuito de assegurar que cada doutrina faça a exposição da sua filosofia ao mesmo tempo em que são confrontadas por aqueles que estão ouvindo o debate. Neste trabalho será abordada a parte inicial do livro primeiro, no qual é possível ver a opinião de Cícero, a qual é omitida pelo autor no restante da obra. Aqui, Cícero é apenas um jovem telespectador, ávido por conhecer mais sobre as doutrinas helenísticas, todavia nem todas serão abordadas neste trabalho, uma vez que é seguida a ordem do texto para a análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epicurismo. Estoicismo. Nova academia. Cícero. *De Natura Deorum*.

**ABSTRACT:** This work intends to show a part of a dissertation. In this are studied the epicurean, stoic doctrines and what refers to the new academy, however will not be exposed all the points of the doctrines in this article. This research was made with the intention of understanding the construction of the gods in the work *De Natura Deorum* by Marcus Tullius Cicero. In the book, Cicero uses a clever dialectical style of confrontation of ideas to ensure that each doctrine exposes its philosophy while being confronted by those who are listening to the debate. In this work the first part of the first book will be discussed, in which it is possible to see the opinion of Cicero, which is omitted by the author in the rest of the work. Here, Cicero is only a young viewer, eager to know more about the Hellenistic doctrines, but not all will be addressed in this work, since the order of the text for analysis is followed.

**KEY-WORDS:** Epicureanism. Stoicism. New academy. Cicero. *De Natura Deorum*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Currículo Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/7821243187757747>. E-mail: sararabelo@gmail.com

Muito pode ser dito sobre Marco Túlio Cícero e suas inigualáveis obras que ainda hoje perpetuam quando falamos de letras clássicas, sendo este aclamado por diversos outros autores clássicos e medievais como Quintiliano, Santo Agostinho, Lutero, Lock, Erasmo de Roterdã, entre outros. Cícero foi aclamado como o modelo do latim clássico, o que dificulta a escolha de um texto de Cícero que pudesse ser estudado profundamente, já que sua estrutura é considerada perfeita quando comparado a outros escritores da época.

Marcus Tullius Cícero nasceu em *Arpinum*, cidade localizada a 100 quilômetros de Roma, em 3 de janeiro de 106 a.C. Os cidadãos de Arpino não eram considerados romanos, no sentido tradicional, mas receberam a cidadania romana no ano de 188 a.C., o que possibilitou que Cícero continuasse seus estudos, pois a proximidade com as comunidades do Lácio permitiu a aproximação com Roma. Segundo May (2002), a família de Cícero pertencia à nobreza local, mas não possuía uma relação com a classe senatorial. Todavia, Marco Túlio Cícero, o pai, possuía uma boa relação com as classes mais altas em Roma, o que permitiu que Cícero tivesse bons mestres.

De acordo com Plutarco, na sua bibliografia sobre os homens mais ilustres tanto da Grécia quanto de Roma, Cícero fora um dedicado e talentoso estudante, o que chamou a atenção de várias pessoas importantes em Roma, tendo sido pupilo de Cévola, Escauro e Crasso. Fora nessa época que conheceu Ático, o qual se tornaria um grande conselheiro a quem Cícero dirigira várias cartas durante sua vida. Ao contrário de Cícero, Ático permaneceu epicurista até o final de sua vida.

Durante a juventude, Cícero desenvolveu um grande interesse pela poesia, tendo feito várias traduções de Homero e Arato. Mas foi na filosofia que encontrou a sua grande paixão. O primeiro filósofo que teve a oportunidade de conhecer foi o epicurista Fedro quando, acompanhado por Ático, fez uma visita à Roma. Também teve a oportunidade de estudar a filosofia platônica, a qual o encantou, já que possuía uma grande seriedade moral e política, embora Cícero discordasse da teoria das ideias de Platão. Cícero ainda conheceu o estoicismo, ao ser apresentado à Diodoto, o qual possuía uma certa popularidade na sociedade romana. E, ao contrário do epicurismo, Cícero adotou algumas concepções estoicas.

Quanto à vida pessoal, por volta do ano 79 a.C., Cícero casou-se com Terência e tiveram dois filhos, Túlia e Marco Túlio Cícero Menor, todavia o casamento enfrentou anos de problemas inconciliáveis o que culminou com o seu término trinta anos após o seu início. O orador ainda casou novamente logo após o final do primeiro casamento, mas a morte

precoce da filha e o desdém da nova esposa fizeram com que Cícero optasse pelo segundo divórcio. Segundo May (2002), com uma vida pessoal conturbada e triste, assim como havia feito décadas antes, Cícero decide se refugiar na filosofia e na literatura.

Já na carreira política, Cícero foi eleito pela primeira vez em 76 a.C., sendo primordial durante a transição da República Romana para o Império Romano. Posteriormente, Cícero defendeu fielmente o retorno ao governo republicano, o que marcou a sua carreira com inconsistências, já que mudava de posição com frequência em virtude do conturbado clima político da época. Desse modo, assim como a decadência de sua vida pessoal, a carreira política do orador também sofreu um declínio.

Com o advento do segundo triunvirato, composto por Otávio, Antônio e Lépido, houve a decisão de eliminar aqueles que eram considerados inimigos e que conspiraram contra Júlio César. Dentre estes estavam Cícero, o qual escrevera os discursos intitulados “Filípicas” como uma forma de ataque à conduta de Marco Antônio. Além deste, houve a perseguição à Marco Júnio Bruto e Caio Cássio Longino, os principais agentes na conspiração contra Júlio César, embora os dois já haviam se refugiado na Grécia. Sendo o único ameaçado, por ainda estar em Roma, Cícero pensou em fugir, mas após uma tentativa ordenou que seus servos parassem. Segundo May (2002), Cícero falou que iria morrer naquele país que ele havia salvado e ofereceu, então, o seu pescoço aos sacerdotes de Antônio. Segundo Plutarco, Herênio, o executor, primeiro o matou e depois cortou a sua cabeça, posteriormente, por ordem de Antônio, cortou suas mãos que haviam escrito as “Filípicas”. Tanto as mãos quanto a cabeça de Cícero foram pregadas na *Rostra*, seguindo a tradição de Mario e Sula, os quais exibiam as cabeças de seus inimigos no Fórum Romano.

Após quatro décadas de serviço público, Cícero resiste como um símbolo para a República. Segundo May (2002), o orador resiste como um porta-voz, um político cuja carreira, apesar das falhas, representava aquilo que o estado tinha como certo. Tudo que Cícero fez foi através do poder da fala, tornando um símbolo de eloquência para as nações que viriam posteriormente.

Cícero escreveu o *De Natura Deorum* já na fase final de sua vida e a obra retoma conceitos relativos ao período helenístico. O termo helenístico surgiu somente no século XIX, para designar o período após a morte de Alexandre Magno, que morreu em 323 a.C., até a morte de Cleopatra VII, que foi a última rainha da Macedônia. Segundo Burns (1968), esse período foi um marco para a história, já que concretizou o fim da civilização helênica e o

início de uma evolução inimaginável até aquele momento. Após a sua morte, Alexandre não deixou um herdeiro legítimo e o parente mais próximo era um meio irmão que sofria de problemas mentais, o que fez surgir um impasse, já que no seu leito de morte, ao ser indagado sobre o seu sucessor, só foi capaz de pedir que fosse escolhido “o melhor homem”. A morte prematura de Alexandre, fez com que o reino fosse dividido entre os generais, os quais se tornaram monarcas, sem que possuíssem uma linha de sucessão real ou a posse de um dos territórios.

Entretanto, a divisão feita não foi aceita por todos os comandantes, o que culminou em várias guerras, como a de Ipso, em 301 a.C, na qual saíram vitoriosos Seleuco, que tomou posse da Pérsia, Mesopotâmia e da Síria; Lisímaco, que passou a controlar a Trácia e a Ásia Menor; Cassandro, que ficou responsável pela Macedônia; e Ptolomeu que uniu ao seu reino do Egito, a Fenícia e a Palestina. Ainda segundo Burns (1968), os quatro novos reinos duraram somente vinte anos, sendo reduzidos a três após a batalha entre Seleuco e Lisímaco, tendo sido vitorioso o primeiro. Todavia, foram necessárias várias décadas após a morte de Alexandre para que as divisões entre os reinos fossem delimitadas.

Apesar da divisão feita, muitos estados gregos não concordaram com a submissão imposta, sendo assim instituídas as chamadas ligas, dentre as quais as mais famosas foram as ligas aqueia e etólia. Desse modo, ficou claro que os recém-formados reinos enfrentavam o desafio de estabelecer a legitimidade de seu governo, o que seria primordial para consolidar a linhagem de sucessão após a morte dos primeiros monarcas. Uma das formas encontradas foi o despotismo, afirmando que o poder era exercido por uma autoridade divina.

No que concerne à filosofia, Burns (1968) afirma que por volta de 300 a.C. surgiram as primeiras filosofias helenísticas: epicurismo e estoicismo. Fundadas, respectivamente, por Epicuro e Zenão, residiram em Atenas, mas é provável que as suas origens remetam aos povos Fenícios. As duas doutrinas possuíam muitos caracteres comuns, sendo ambas individualistas e não se mostravam zelar pelo bem-estar da sociedade, mas do indivíduo. “Tanto no estoicismo como no epicurismo havia traços nítidos de indiferença, uma vez que ambos achavam fúteis os esforços do homem e sugeriam um refúgio no quietismo oriental como um fim a ser alcançado pelo sábio” (BURNS, 1968, p. 249-250).

Todavia, em muitos aspectos as duas doutrinas se diferenciavam, já que Zenão e seus discípulos ensinavam “que o cosmo é um todo ordenado no qual todas as contradições são resolvidas no interesse do bem” (BURNS, 1968, p. 250). Segundo o autor, todos os problemas

enfrentados pelos seres humanos são, na verdade, incidentes necessários para que o universo alcance a perfeição e o verdadeiro equilíbrio. Portanto, o ser humano não seria o senhor de seu próprio destino, mas o membro de uma cadeia de ligações que não pode ser interrompida.

O dever supremo do homem é submeter-se à ordem do universo, sabendo que essa ordem é boa; em outras palavras, resignar-se tão voluntariamente quanto possível ao seu destino. Por meio de tal ato de resignação alcançará a mais alta felicidade, que consiste na tranquilidade do espírito. O indivíduo mais verdadeiramente feliz é, portanto, aquele que pela afirmação da sua natureza racional consegue um perfeito ajustamento de sua vida à finalidade cósmica e expurga sua alma de todo o amargar e de todos os protestos lamurientos contra as adversidades da sorte, os estoicos desenvolveram uma teoria ética e social que concordava plenamente com sua filosofia geral acima descrita (BURNS, 1968, p. 250).

Desse modo, enquanto os estoicos buscavam em Heráclito as suas concepções sobre o universo, os epicuristas derivavam da metafísica de Demócrito a solução para os seus problemas. Epicuro utilizou a teoria dos átomos para explicar a mudança e o desenvolvimento das coisas. O filósofo epicurista acreditava no materialismo dos atomistas, entretanto negava a questão do materialismo absoluto, ou seja, “embora admitisse que os átomos se movem para baixo em linhas perpendiculares, devido ao seu peso, insistia em dotá-los de uma capacidade espontânea para se desviarem da perpendicular e, assim, combinarem-se uns aos outros” (BURNS, 1968, p. 251).

Portanto, na obra *De Natura Deorum* que é organizada em três livros, Marco Tulio Cícero faz uma introdução sobre a importância da especulação filosófica, as coisas divinas e, posteriormente, em uma conversa na casa de Cota, Veleio e Balbo discutem sobre os ensinamentos de suas próprias doutrinas no que concerne à natureza divina. A obra é narrada pelo próprio Cícero, contudo ele não desempenha um papel relevante, já que ele é somente um ouvinte. Cada doutrina exposta é representada por um personagem: Caio Veleio é o epicurista, Lucílio Balbo é o estoico e Cota é o acadêmico. No entanto, a obra não trata somente sobre a questão dos deuses sob o olhar de cada doutrina, mas também sobre o cosmo, a vida e o homem. Mas para esta pesquisa será relevante somente o que foi dito sobre os deuses.

Nos três livros é encontrado aquilo que é visto em Aristóteles como "diálogo do discurso científico" que, segundo Vendemiatti (2003), não expõe a obra com constantes perguntas e respostas, mas com monólogos confrontados entre si. A obra é classificada também como um diálogo, uma vez que Cícero retira da opinião de filósofos tudo aquilo que

é afirmado sobre a natureza dos deuses. Vendemiatti (2003) afirma que Cícero mostra seu método de pesquisa o qual consiste em argumentar contra todos ao mesmo tempo em que é a favor de todos os filósofos. Ele faz isso com o intuito de descobrir a verdade. A construção do diálogo se faz sem usar um argumento de autoridade, pois é evidente uma constante tensão formada pelo conflito de ideias entre as doutrinas.

O livro, *De Natura Deorum*, assim como *Brutus*, *Orator*, *Paradoxa Stoicorum*, *De finibus bonorum et malorum* e *Tusculanae Disputationes* foram destinados a *Marcus Iunius Brutus*, como, segundo Pease (1913) era costume helenístico. Ademais, os dois faziam parte da mesma escola filosófica, a Academia. Durante o chamado período helenístico, acreditava-se na busca pela felicidade e que, segundo os gregos, os deuses estariam constantemente preocupados com o ser humano. Savian Filho (2009) afirma a este propósito que tanto benefícios quanto malefícios podem ser causados pelos deuses, mas duas observações devem ser retomadas quanto a essa afirmação: "(a) a ideia de que os deuses se ocupam com os seres humanos; (b) a ideia de que, quando alguém sofre uma desgraça ou um sucesso, isso se deve à uma retribuição divina, e não ao próprio indivíduo" (SAVIAN FILHO, 2009, p. 14).

Marco Túlio Cícero escreveu sua obra em um momento conturbado da história da República. Segundo Bassetto (2016), no prefácio da edição em português, a *pietas*, *sanctitas* e a *religio* passavam por um difícil momento, uma vez que o sagrado era entendido como algo que pouco refletia na cultura e civilização romana da época.

Com seu habilidoso estilo dialético, Cícero procurou mostrar que os romanos não ficavam aquém dos gregos quando se tratava de debates filosóficos. Desse modo, Cícero buscava mostrar que, apesar das diversas adversidades do povo romano, muitos debates filosóficos intrigantes poderiam ser encontrados em Língua Latina.

Além disso, a obra mostra um Cícero ainda jovem participando com vivaz atenção das exposições dos doutores representantes das escolas filosóficas, pois o momento em que fora escrito o diálogo não condiz com o momento real. Segundo Bassetto (2016), somente os dezesseis primeiros parágrafos podem ser de fato atribuídos à Cícero no que se refere a apropriação autoral, como pode ser visto nos excertos a seguir. Após esses parágrafos, a figura de Cícero não pode ser identificada, o que dificulta compreender a real opinião do autor pautado somente nestes três livros.

Tendo em vista que muitas coisas não foram ainda, de modo algum, explicadas na filosofia, por muito difíceis, Bruto, o que tu absolutamente não desconheces, existe a questão muito obscura a respeito da natureza dos deuses, mas que é extremamente fascinante tanto para o conhecimento do espírito como necessária para orientar a religião. Uma vez que existem a respeito dela tantas opiniões várias e tão discrepantes de homens muito doutos, esse motivo deve servir de grande argumento e de um princípio da filosofia para essa ciência, e prudentemente os acadêmicos tem impedido o assentimento a questões incertas (CICERO, 2016, p. 15).

Ainda segundo Bassetto (2016), Cícero buscava trazer a filosofia para o lado prático quando afirmou que conhecer a natureza dos deuses é intimamente necessário para se orientar dentro da religião. Desse modo, logo no início da obra, Cícero afirma que Bruto ignorava algumas afirmações filosóficas, em virtude de conceitos que, segundo ele, não eram abordados de forma adequada. Segundo Soares (2008, p. 74), "as cerimônias eram conduzidas de acordo com regras tradicionais e ritos religiosos, sem que os antigos se interrogassem sobre a natureza dos deuses", o que, para Bruto, não era o mais aceitável. Todavia isso seria essencial para compreender a *religio* romana.

Ademais, neste prólogo, segundo Fott (2012), a variedade de pontos de vista teológicos mostra que a filosofia começa sempre na ignorância e que a Academia é prudente ao não assentir sobre assuntos que ainda não foram devidamente explicados, como é o caso da natureza dos deuses.

Assim, a maior parte, nesta questão, afirmou que os deuses existem, porque é sumamente plausível e aonde todos nós chegamos sob a conclusão da natureza, Protágoras considerou estar em dúvida, Diágoras Melhor e Teodoro Cirenaico julgaram não haver absolutamente nenhum. Mas aqueles que afirmaram existirem os deuses, apresentam tamanha diversidade e discordância, que seria infinito enumerar-lhes as opiniões. Pois muitas coisas se dizem sobre as formas dos deuses, de seus lugares e moradas e de sua atividade de vida, e debate-se a respeito disso numa imensa divergência entre filósofos<sup>2</sup> (CICERO, 2016, p. 15).

Dessa forma, ao questionar a existência dos deuses, havia mais dúvidas e divergências do que constatações verídicas sobre o assunto. De acordo com Soares (2008, p. 75) "os filósofos que tentaram explicar algo sobre os deuses tinham deixado mais dúvidas sobre os

<sup>2</sup>“Velut in hac quaestione plerique, quod maxime verisimile est et quo omnes sese duce natura venimus, deos esse dixerunt, dubitare se Protágoras, nullos esse omnino Diágoras Melius et Theodorus Cyrenaicus putaverunt. Qui vero deos esse dixerunt, tanta sunt in varietate et dissensione, ut eorum infinitum sit enumerare sententias. Nam et de figuris deorum et de locis atque sedibus et de actione vitae multa dicuntur, deque is summa philosophorum dissensione certatur” (De Natura Deorum, I, §II).

seres divinos já que em muitos aspectos discordavam uns dos outros.". Por isso, muitos debates sobre o ateísmo poderiam ser levantados uma vez que nada podia ser feito para provar a existência dos deuses.

De acordo com Bassetto (2016), o autor se posiciona de acordo com o que é comum às *disputationes*, já que Cícero faz uso de diálogos metodológicos que ajudam o leitor a compreender o texto de forma didática. Entretanto, como Acadêmico, Cícero prefere não concordar visto que ainda não há uma constatação efetiva sobre o assunto. De acordo com a tradição, "cada deus era responsável por uma ação natural benfeitora" (SOARES, 2008, p. 76). Mas, havia dois tipos de pensamentos:

- a) O de que os deuses realmente existiam e regulavam todas as ações humanas;
- b) Se eles realmente existissem, não era dada a devida importância aos seres humanos;

Mas, como era costume dos acadêmicos, Cícero preferia não opinar até ter uma constatação formal da existência desses seres.

Pois houve e há filósofos que pensam que os deuses não têm absolutamente qualquer governo das coisas humanas. E se é verdadeira a opinião deles, que piedade pode existir, que santidade que religião? Com efeito, todas essas, pura e castamente, devem ser tributadas ao poder dos deuses somente se são notadas por eles e se existe algo tributado pelos deuses imortais ao gênero humano. Mas se, ao contrário, os deuses não podem e não querem nos ajudar; se absolutamente não governam e não notam o que fazemos e se não há nada que vindo deles possa penetrar na vida dos homens, por que é que dirigimos aos deuses imortais esses cultos, honras e preces?<sup>3</sup> (CICERO, 2016, p. 17).

Desse modo, Cícero insere argumentos que preparam para posteriormente opor as crenças epicuristas às estoicas. Há o elemento divino, no qual o mundo é regido pelos deuses, e há aqueles que discordam, afirmando que nada pode ser verdadeiro. Tudo isso é feito a partir de uma dicotomia com o intuito de construir premissas que não serão verdades finais, mas que, de forma dialética, poderão construir afirmações que em um determinado momento serão verdadeiras, e que em outro passam a ser falsas. Há uma negação da divina providência

<sup>3</sup> "Sunt enim philosophi et fuerunt, qui omnino nullam habere censerent rerum humanarum procurationem deos. Quorum si vera sententia est, quae potest esse pietas, quae sanctitas, quae religio? Haec enim omnia purè atque caste tribuenda deorum numini ita sunt, si animadvertuntur ab is et si est aliquid a deis immortalibus hominum generi tributum; sin autem dei neque possunt nos iuvare nec volunt nec omnino curant nec, quid agamus, animadvertunt nec est, quod abis ad hominum vitam permanere possit, quid est, quod ullos deis immortalibus cultus, honores, preces adhibeamus?" (De Natura Deorum, I,§3)

ao afirmar que os deuses não influenciam em nada as coisas humanas ao mesmo tempo em que esta afirmação é confrontada.

Cícero constrói, através da retórica, as ideias iniciais que serão necessárias para a construção do texto. Pode haver a existência dos deuses, para aqueles considerados incultos que sempre lhes dedicam rituais, todavia, para os chamados doutos, os deuses podem não existir. Resta ao filósofo discutir se tudo o que há na natureza é de fato fruto de decisões divinas ou não.

Nada existe, porém, sobre o que não discordem tanto não apenas os incultos como também os sábios; e porque as opiniões deles são tão divergentes e tão conflitantes entre si, sem dúvida pode suceder que ou nenhuma delas possa ser verdadeira ou que certamente mais de uma não pode sê-lo<sup>4</sup> (CICERO, 2016, p. 19).

O autor rebate as críticas feitas afirmando que estas vêm tanto dos incultos quanto dos sábios, pois uns afirmam veemente que os deuses existem, enquanto outros acreditam que não. Isso mostra que o debate que será feito no decorrer das três obras estava realmente presente na sociedade romana da época.

Contudo, não começamos nós a filosofar de repente nem despendemos pequeno esforço e dedicação a essa atividade desde a verde idade; e justamente quando não nos parecia absolutamente, filosofávamos então ao máximo. Comprovam isso tanto os discursos, cheios de citações de filósofos, como a convivência com homens doutíssimos, com os quais nossa casa sempre brilhou, e ainda aqueles expoentes Díodoto, Filão, Antíoco e Posidônio, pelos quais fomos instruídos<sup>5</sup> (CICERO, 2016, p. 21).

Segundo Vernant (2000, p. 48), “a filosofia vai encontrar-se, pois, ao nascer, numa posição ambígua: em seus métodos, em sua inspiração aparentar-se-á ao mesmo tempo às iniciações dos mistérios e às controvérsias da agora”. Desse modo, Cícero buscava mostrar que o esforço para chegar ao pleno entendimento dos assuntos discutidos não era algo que

<sup>4</sup> “Res enim nulla est, de qua tantopere non solum indocti sed etiam docti dissentiant; quorum opiniones cum tam variae sint tamque inter se dissidentes, alterum fieri profecto potest ut earum nulla, alterum certe non potest ut plus una vera sit” (De natura Deorum, I, §5).

<sup>5</sup> “Nos autem nec subito coepimus philosophari nec mediocrem a primo tempore aetatis in eo studio operam curamque consumpsimus, et cum minime videbamus tum maxime philosophabamur; quod et orationes declarant refertae philosophorum sententiis et doctissimorum hominum familiaritates, quibus semper domus nostra floruit, et principes illi Diodotus Philo Antiochus Posidonius, a quibus instituti sumus” (De natura Deorum, I, §6).

viria de forma tão simples. Filosofar não é simples, mas há todo um esforço e dedicação que foram instituídos desde o início, pois haverá sempre uma busca constante.

E se todas as lições da filosofia se referem à vida, julgamos que ela ultrapassa, tanto nos assuntos públicos como nos privados, aquilo que a razão e o ensinamento prescreverem. Em caso contrário, quem questiona que motivo nos teria levado a escrever essas coisas tão tardiamente, nada é que possamos desenredar tão facilmente. Pois, como nos aborrecêssemos com o ócio e a situação do Estado fosse tal, que se fazia necessário governá-lo pela determinação e cuidado de um só, julguei que a filosofia devia ser explicada a nossos homens, tendo em vista, primeiramente, a própria coisa pública. Levamos em conta particularmente ser do interesse para a glória e o louvor da comunidade, que assuntos tão graves e tão importantes fossem conservados também em língua latina<sup>6</sup> (CICERO, 2016, p. 21).

Nos parágrafos seguintes Cícero continua falando da importância da filosofia. Todavia, aqui ele mostra que o seu esforço para ensinar acabou fazendo com que muitos confiassem na língua latina para repassar os seus conhecimentos, uma vez que Cícero percebeu que a filosofia deveria ser passada aos homens, pois estes precisavam compreender o funcionamento da *res publica*. Ademais, assuntos tão sublimes também deveriam ser conservados na Língua Latina, e não somente em grego.

E por esse motivo, arrependo-me menos de minha determinação, uma vez que facilmente percebo ter incentivado os esforços de muitos não apenas para aprender, mas também para escrever. Pois muitos, instituídos em instituições gregas, não podiam transmitir a seus concidadãos aquilo que haviam aprendido, porque não confiavam em poder ser dito em latim o que haviam recebido dos gregos. Nesse aspecto, parecemos ter progredido tanto que nem sequer na quantidade de palavras seríamos superados pelos gregos<sup>7</sup> (CICERO, 2016, p. 23).

Portanto, Cícero buscava uma forma de mudar a concepção de que os romanos não eram capazes de debater assuntos doutos, aproximando, assim, os termos para a língua do povo, o que culminaria com uma maior participação nos debates que só poderiam ser discutidos pelos homens que haviam estudado. Ainda é levantada a relação entre autoridade e

<sup>6</sup> “Et si omnia philosophiae praecepta referuntur ad vitam, arbitramur nos et publicis et privatis in rebus ea praestitisse quae ratio et doctrina praescripserit. Sin autem quis requirit quae causa nos inpulerit ut haec tam sero litteris mandaremus, nihil est quod expedire tam facile possimus. Nam cum otio langueremus et is esset rei publicae status ut eam unius consilio atque cura gubernari necesse esset, primum ipsius rei publicae causa philosophiam nostris hominibus explicandam putavi, magni existimans interesse ad decus et ad laudem civitatis res tam gravis tamque praeclaras Latinis etiam litteris contineri” (De Natura Deorum, I, §7).

<sup>7</sup> “Eoque me minus instituti mei paenitet, quod facile sentio, quam multorum non modo discendi sed etiam scribendi studia commoverim. Complures enim Graecis institutionibus eruditi ea quae didicerant cum civibus suis communicare non poterant, quod illa quae a Graecis accepissent Latine posse diffiderent; quo in genere tantum profecisse videmur, ut a Graecis ne verborum quidem copia vinceremur” (De Natura Deorum, I, §8).

o ensino, como pode ser visto no parágrafo dez, “ainda mais, a autoridade daqueles que prometem ensinar prejudica àqueles que querem aprender; pois deixam de usar seu julgamento e consideram aprovado o que veem julgado por aquele a quem acham bom”<sup>8</sup> (CICERO, 2016, p. 23), no qual Cícero aborda que não só o uso das letras clássicas pode reprimir o desenvolvimento do aprendiz, mas também a falta de comprometimento do *magister*, já que a forma como o professor incentiva e avalia o aluno são primordiais para o pleno desenvolvimento do pupilo.

Aos que se admiram de nós termos abordado especialmente essa disciplina, parece haver uma resposta suficiente naqueles quatro livros acadêmicos. De fato, não assumimos o patrocínio de coisas esquecidas e abandonadas; pois as doutrinas não desaparecem com a morte dos homens, mas talvez desejem a luz do autor<sup>9</sup> (CICERO, 2016, p. 25).

Cícero afirma constantemente em suas obras que é um “acadêmico”, contudo o pensamento defendido por Cícero nas quatro obras chamadas de *Academica* o classificam como um representante voltado para um ecletismo com prudentes tendências céticas. Segundo Reale (2012), ao se estudar o ecletismo acadêmico em Roma, as obras de Cícero poderiam ser estudadas por motivos culturais e não necessariamente especulativos, como aconteceu com Filo e Antíoco. O autor não adota um estilo semelhante ao destes, mas um mais próximo dos chamados neoacadêmicos, os quais, ao discutirem determinado assunto, postulavam sempre os prós e os contras com o intuito não só conhecer diferentes posições filosóficas, mas também de avaliar as teses que eram expostas, assim como é feito no *De Natura Deorum*.

O método de Cícero consistia, então, como uma forma de buscar a máxima probabilidade sem estar necessariamente ligado a uma escola. Gucker (1996) retoma que o ecletismo ciceroniano não deve ser visto como uma doutrina fixa, uma vez que Cícero julgava que isso implicaria uma imposição de limites, o que iria regular a sua capacidade de investigação. Desse modo, o ecletismo se torna o modo mais adequado para buscar o que seria o mais provável na argumentação, já que a probabilidade de investigar as duas opções faz com que a argumentação seja melhor redigida.

<sup>8</sup> “Quin etiam obest plerumque iis qui discere volunt auctoritas eorum qui se docere profitentur; desinunt enim suum iudicium adhibere, id habent ratum quod ab eo quem probant iudicatum vident” (De Natura Deorum, I, §10).

<sup>9</sup> “Qui autem admirantur nos hanc potissimum disciplinam secutos, his quattuor Academicis libris satis responsum videtur. Nec vero desertarum relictarumque rerum patrocinium suscepimus; non enim hominum interitu sententiae quoque occidunt, sed lucem auctoris fortasse desiderant” (De Natura Deorum, I, §11).

Contudo, introduzirei já, para me libertar de toda antipatia, as doutrinas dos filósofos sobre a natureza dos deuses. Entretanto, neste assunto parece que todos devem ser convocados para julgarem qual delas seria a verdadeira; depois, afinal, a Academia me parecerá insolente, caso ou todos concordarem ou for encontrado alguém que tenha descoberto o que seria verdadeiro<sup>10</sup> (CICERO, 2016, p. 27).

[...] conheçam e percebam o que se deve pensar a respeito da religião, da piedade, da sacralidade, das cerimônias, da fé e do juramento, o que sobre os templos, os santuários e os sacrifícios solenes e o que sobre os presságios, aos quais nós presidimos (pois tudo isso deve ser relacionado a esta questão sobre os deuses imortais): certamente, tão grande dissentimento, entre homens muito doutos a respeito de um assunto importantíssimo, coage a duvidar aqueles mesmos que consideram possuir algo de certo<sup>11</sup> (CICERO, 2016, p. 27).

Ao final do parágrafo quatorze, Cícero afirma que irá introduzir as doutrinas existentes sobre a natureza com o intuito de instituir qual seria a mais plausível. Há ainda a afirmação de que assuntos como a religião, a piedade, a fé e o julgamento devem ser discutidos em virtude da sua importância para chegar a um consenso sobre a imortalidade dos deuses, uma vez que aquilo que é chamado de certo para uns ainda pode ser motivo de dúvida para outros.

No decorrer dos três livros são apresentadas opiniões sobre os deuses e, enquanto os dois primeiros expõem opiniões relativamente positivas sobre os seres celestes, Cota assume o papel de crítico das duas escolas. A partir do parágrafo quinze, Cícero introduz quem serão os debatedores desse diálogo, sendo cada um deles responsável pelas correntes filosóficas apresentadas na obra, como pode ser visto no excerto a seguir:

Como chamei frequentemente a atenção sobre o assunto em outras circunstâncias, agora especialmente quando se discutiu, em verdade de modo acurado e cuidadoso, sobre os deuses imortais na casa de C. Cota, meu amigo. Pois, quando fui até ele, nos dias latinos de descanso, a pedido e a convite dele mesmo, encontrei-o sentado na sala de reunião e trocando ideias com o senador C. Veleio, a quem os epicureus conferiam então o primeiro lugar entre nossos homens. Estava presente também Q. Lucílio Balbo, que detinha tamanhos avanços entre os estoicos, que era comparado aos mais destacados gregos nesse ramo. Nessa ocasião, assim que Cota me viu, disse: ‘Chegas em um momento muito oportuno, pois surgiu entre mim e Veleio uma

<sup>10</sup> “Sed iam, ut omni me invidia liberem, ponam in medio sententias philosophorum de natura deorum. Quo quidem loco convocandi omnes videntur, qui quae sit earum vera iudicent; tum demum mihi procax Academia videbitur, si aut consenserint omnes aut erit inventus aliquis qui quid verum sit invenerit” (De Natura Deorum, I, §13).

<sup>11</sup> “[...] cognoscant animadvertant, quid de religione pietate sanctitate caerimoniis fide iure iurando, quid de templis delubris sacrificiisque sollemnibus, quid de ipsis auspiciis, quibus nos praesumus, existimandum sit (haec enim omnia ad hanc de dis immortalibus quaestionem referenda sunt): profecto eos ipsos, qui se aliquid certi habere arbitrantur, addubitare coget doctissimorum hominum de maxuma re tanta dissensio” (De Natura Deorum, I, §14).

discussão sobre um grande assunto, de que se participares, não será estranho ao teu interesse<sup>12</sup> (CICERO, 2016, p. 27).

Portanto, nesse contexto, Cícero nada mais é do que um estudante e admirador das doutrinas, não sendo exposto até o momento nenhuma evidência que mostre claramente a real postura de Cícero sobre a natureza dos deuses. Apesar da diferença entre o momento histórico e o momento da narrativa, fica a indagação sobre a construção dessa obra somente na parte final de sua vida, em 45 a.C. Cabe aqui a reflexão sobre a influência desse fato na redação da obra e a constatação de que muitas referências precisam ser analisadas para a conclusão sobre a influência dos deuses na vida de Cícero e, finalmente, compreender a sua opinião acerca dos deuses.

### Referências Bibliográficas

BURNS, Edward McNall. **História da Civilização Ocidental**. Trad. Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos e Leonel Vallandro – Porto Alegre: Editora Globo, 1968.

CICERO. **De Natura Deorum et Academica**. Michigan: Harvard University Press, 2005

\_\_\_\_\_. **De Natura Deorum**. Trad. Bruno Bassetto. Uberlândia: Edufu, 2016.

FOTT, David. **The Politico-Philosophical Character of Cicero's Verdict in The Natura Deorum**. In Cicero's Philosophy. Notre Dame: University of Notre Dame, 2012.

GLUCKER, J. **Cicero's philosophical affiliations**. In: DILLON, J. M. & LONG, A. A. (Eds.) The Question of "eclecticism": Studies in Later Greek Philosophy. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 34-69.

MAY, James M. **Brill's companion to Cicero – Oratory and Rhetoric**. Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002.

PEASE, Arthur Stanley: **The Conclusion of Cicero's De Natura Deorum**. In: Transactions and Proceedings of the American Philological Association, Vol. 44,1913.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **O Epicurismo e a Ética: uma ética do prazer e da prudência**. SBioetikos- Centro Universitário São Camilo - São Camilo, 2009.

<sup>12</sup> “Quod cum saepe alias tum maxime animadverti cum apud C. Cottam familiarem meum accurate sane et diligenter de dis immortalibus disputatumst. Nam cum feriis Latinis ad eum ipsius rogatu arcessituque venissem, offendi eum sedentem in exedra et cum C. Velleio senatore disputantem, ad quem tum Epicurei primas ex nostris hominibus deferebant. Aderat etiam Q. Lucilius Balbus, qui tantos progressus habebat in Stoicis, ut cum excellentibus in eo genere Graecis compararetur” (De Natura Deorum, I, §15).

SOARES, Willy Paredes. **Abordagem Retórico-Filosófica in De Natura Deorum, Liber Primus de Cícero**.2008. Dissertação (Mestre em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

VENDEMIATTI, Leandro Abel. **Sobre a Natureza dos Deuses de Cícero**. 2003. Dissertação (Mestre em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.